

UMA REVISÃO CRÍTICA E CONTEMPORÂNEA SOBRE NARCISISMO E SEXUALIDADE

A CRITICAL AND CONTEMPORARY REVIEW OF
NARCISSISM AND SEXUALITY

Clarice Moreira da Silva

**LIVRO: AMAR A SI MESMO E AMAR O OUTRO: NARCISISMO E SEXUALIDADE NA
PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA**

ORGANIZADORES: BIRMAN, J. ET AL.

SÃO PAULO: ZAGODONI, 2016, 236 P.

Com um título cativante, o livro organizado por Joel Birman, Leopoldo Fulgencio, Daniel Kupermann e Eduardo Leal Cunha conduz a uma leitura dirigida por diferentes colegas psicanalistas, que reuniram resultados de pesquisas e discussões realizadas no âmbito do Grupo de Trabalho *Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea*, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). É com interrogações que os renomados autores apresentam a obra, já explicitando quão instigante a apreciação dos 15 capítulos será para o leitor. Desenvolvendo suas ideias a partir de articulações e impasses sobre o tema da sexualidade e do narcisismo na contemporaneidade, os autores oferecem valiosa contribuição sobre as formas de nos constituirmos como sujeitos, de amarmos a nós mesmos e ao outro, em um contexto sociocultural em que urge tal debate. Mostram, com esta obra, a atualidade da Psicanálise, no seu modo de pensar e de fazer pesquisa, contribuindo para uma visão crítica e ética de sujeito e de sociedade.

Joel Birman inaugura a Parte I – **Aspectos históricos**, com seu texto “Sexualidade e Narcisismo nos Arquivos da Psicanálise. O Édipo em Questão”. A diversidade teórica e clínica para explorar o tema da sexualidade e do narcisismo no discurso psicanalítico é grande e rica. Todavia, o alicerce por onde Birman sustenta seu versado trabalho compreende a necessidade de uma tomada de posição teórica. É em torno da problemática do Édipo que o autor traça a conjugação e a oposição entre os registros da sexualidade e do narcisismo, pois assim foram delineados na história do movimento psicanalítico. Seu texto elucidada a importância de pensar os conceitos através das perspectivas teóricas pós-Freud, não só em termos clínicos, mas nos termos das concepções históricas características de cada época. Assim, por meio de uma leitura genealógica e arqueológica, percorrendo diferentes e bem costuradas contribuições teóricas, um dos apontamentos finais de Birman trata sobre a impossibilidade de

universalizar o campo do narcisismo na atualidade, no lugar e como contraponto ao Édipo estrutural.

Com o fim de exemplificar uma proposta metodológica para a pesquisa teórica em Psicanálise, Richard Theisen Simanke, no capítulo “Em Freud e a sexualidade infantil antes de Freud”, apresenta-nos a originalidade da contribuição do criador da Psicanálise acerca da sexualidade infantil, empenhando-se em situar tal contribuição no contexto histórico e científico da época. Desta forma, desfazendo possíveis lendas e mal-entendidos, Simanke, através de sua pesquisa, leva o leitor a um interessante e elucidativo percurso desse fundamental conceito, contribuindo para melhor compreensão do sentido e do conteúdo deste na teorização freudiana.

Fátima Caropreso, em “Trauma, pulsão de morte e sexualidade na teoria freudiana”, analisa a teoria metapsicológica de Freud, repensando sobre suas hipóteses sobre a etiologia das neuroses, passando pelos conceitos e ideias que possibilitaram suas modificações. Revisitando, inicialmente, as modificações na concepção freudiana das neuroses a partir de sua vinculação a experiências traumáticas originárias e aos diversos tipos de angústia, a autora faz bem compreender, de forma detalhada, a retomada do conceito de experiência de dor na obra freudiana junto à pulsão de morte, fazendo uma reconstituição sobre como Freud foi desenvolvendo e repensando a teoria das neuroses e dos fundamentos dos processos psíquicos.

Revisitando um artigo publicado na *Sig: Revista de Psicanálise*, Daniel Kupermann brinda-nos com interessantes reflexões sobre o paradigmático texto freudiano “À guisa de introdução ao narcisismo”. O capítulo intitulado então como “Revisitando ‘Freud, 1914: o ano que não terminou’” propõe-se a repensar o conceito de narcisismo em Freud, contextualizando o momento de sua redação no que tange aos desafios e impasses com que o pai da Psicanálise lidava em sua clínica e na comunidade psicanalítica à época. Assim, Kupermann trata sobre narcisismo e tradição na Psicanálise, trazendo à luz o tema da transmissão e filiação psicanalíticas. O autor faz uma correlação entre o risco da obediência do psicanalista com a comunidade psicanalítica, e a obediência observada em Serguéi, o Homem dos Lobos, frente a Freud, como percebido na leitura de “História de uma neurose infantil” e na posterior análise que o paciente fez com Ruth Brunswick. A obediência de Serguéi à pressão imposta por seu psicanalista pode ter deflagrado importante contribuição teórica à Psicanálise, mas comprometeu seu tratamento, a transferência e seu prognóstico. Já a obediência das gerações vindouras, frente ao encaminhamento dado após a publicação de “A história do movimento psicanalítico”, poderia ter comprometido a necessária e criativa capacidade inventiva de repensar a teoria e a clínica frente as novas modalidades de sofrimento psíquico. Para o autor, diferentemente de uma padronização e exclusão daquilo que se faz dissonante, os desafios impostos por quadros de sofrimento psíquico referidos à fragilidade na constituição narcísica requerem, como Freud propôs, “voltar a se perguntar o que é a psicanálise e quem é o psicanalista” (KUPERMANN, 2016, p. 92).

Baseado na ideia de que, apesar da popularização do termo, o narcisismo

é um conceito necessário a se retomar, Eduardo Leal Cunha tece sua ótima escrita com importantes construções de Kohut, como explicitado no título do capítulo: “Destinos contemporâneos do narcisismo: atualidade de Heinz Kohut”. Partindo de uma comparação com as concepções de Otto Kernberg, o autor passa pelas ideias de Christopher Lasch e Guy Debord, compreendendo que Kohut possibilitaria uma visão mais esperançosa da sociedade bem como do indivíduo contemporâneo. “Ao recusar o aspecto estrutural da patologia narcísica e insistir tanto sobre sua dimensão funcional quanto na possibilidade de seu equacionamento pelo vínculo transferencial” (CUNHA, 2016, p. 106), Kohut ofereceria uma ampliação acerca do funcionamento individual e dos fenômenos globais presentes hoje. Cunha conclui interrogando se os apontamentos de Kohut não poderiam ser uma via possível de escuta sobre a necessidade de investimento maciço na imagem de si, como visto nas redes sociais, assim como sobre as múltiplas formas de identidade de gênero, ou até mesmo sua recusa, como observado na reivindicação por um gênero neutro.

“Narcisismo, gênero e sexualidade: aproximações entre Lichtenstein, Ferenczi, Laplanche e Butler” é o sexto capítulo do livro e o primeiro da Parte II, **Aspectos sociais e culturais**. A riqueza das ideias dos autores já nomeados no título do capítulo são o ponto de partida de Paulo de Carvalho Ribeiro e Fábio Roberto Rodrigues Belo para fazer um interessante diálogo com outros importantes pensadores sobre temas tão pertinentes para nosso fazer e pensar clínico. Tendo como pano de fundo a necessária crítica sobre a teoria psicanalítica e sobre como a mesma se constrói articulada com a clínica, os autores propõem problematizar as teorias sobre identidade e sua relação com o sexual. Como uma costura, com pontos e contrapontos, o texto vai se delineando e deixando claro como os conceitos podem adquirir dimensões políticas. Conforme Ribeiro e Belo (2016) observam, a clínica psicanalítica pode ser considerada um dispositivo político “que pode auxiliar na produção de traduções menos disruptivas e violentas da passividade originária e das identificações daí decorrentes: as que protegem contra certos desejos e as que nos defendem de outros” (RIBEIRO; BELO, 2016, p. 126).

“Narcisismo histórico ou constitutivo: entre a sociedade narcísica e o exercício da singularidade”, é o trabalho de Ivan Ramos Estevão. Baseado no efeito de “hecatombe” que o narcisismo produziu na teoria freudiana, o autor retoma este conceito problematizando-o à luz da teoria lacaniana, em especial a partir do registro do imaginário e do conceito de alienação. Para tanto, Estevão parte da diferenciação entre estrutural e subjetivo, questionando a possibilidade – técnica e ética – de “neurotização” de um psicótico ou perverso, trazendo à cena o risco da fixação de padrão e de normalidade. Diferencia estrutura de subjetividade para traçar um panorama entre narcisismo constitutivo e narcisismo histórico. De forma criativa, fazendo alusão a um conhecido filme de ficção científica – que omito propositalmente para aumentar a curiosidade – e interrogando o leitor com questões instigantes, Estevão nos leva ao campo das diferenças. Pensar, no contexto de uma sociedade narcisista, as diferentes sustentações da individualidade e da subjetividade; a primeira baseada em uma lógica fálica, e a segunda sustentada em uma lógica do não todo. “Mas como pro-

mover a singularidade? E como fazer isso de modo que se opere socialmente?” (ESTEVIÃO, 2016, p. 136). Perguntas feitas pelo autor, reproduzidas aqui com o intuito de levar à leitura deste estimulante texto, possibilitam uma reflexão sobre a ética do analista e da Psicanálise.

“A fé nos futuros: um debate sobre o narcisismo em Christopher Lasch e Sigmund Freud” é o trabalho de Daniel Menezes Coelho que, curiosamente, também inicia a partir de uma “hecatombe”. Diferentemente do capítulo anterior, a “hecatombe” pela qual Coelho parte é a descrita por Michel Houellebecq, no romance “A possibilidade de uma ilha”. O cenário desta obra é um mundo pós-apocalíptico, em que os poucos humanos que ainda existem convivem isolados de pós-humanos, cópias melhoradas geneticamente, insensíveis à fome e ao amor, incapazes de desejar. Esses seres criados e substituídos por um novo, a cada falecimento, tem como missão ler os relatos de seus antecessores e esperar, com fé, os “futuros” que estão por vir. Interessante que tal leitura das autobiografias serve como complemento à identidade do clone melhorado, objetivando também que o tédio e a repulsa produzam uma diferenciação entre as espécies. Para Coelho, os pós-humanos criados por Houellebecq são um retrato literário e fantasioso da vida contemporânea. Partindo desta ideia, o autor traça um paralelo com a “Cultura do narcisismo”, de Lasch e alguns contrapontos com “Uma introdução ao narcisismo”, de Freud. Coelho trabalha sobre a origem da libido, sobre a superposição entre narcisismo primário e normalidade; e narcisismo secundário e patologia, fazendo distinções entre os apontamentos de Freud e de Kernberg sobre o tema. Afirma que a saída para os impasses com que a Psicanálise se depara é a elevação do narcisismo, pela via de Kohut, articulada à aceitação da transitoriedade.

O nono capítulo é de autoria de Mônica Medeiros Kother Macedo e Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn, intitulado “A indiferença e a servidão: alterações nos domínios de Narciso”. O trabalho propõe uma rica articulação do conceito de narcisismo com as considerações acerca da vivência de indiferença no (des)encontro inaugural com o objeto primordial e o estabelecimento das fronteiras entre o Eu e o outro para pensar o sujeito na condição da drogadição. Enfocando no que o consome como sujeito e não na substância consumida, as autoras apresentam duas ilustrações clínicas, denominadas como de “servidão autoerótica” e de “servidão narcísica”. Compreendendo a condição de assujeitamento ao objeto droga, Macedo e Dockhorn problematizam este importante e impactante tema clínico e social, tomando também as proposições de McDougall e de Le Poulichet, reconhecendo a subjetividade do sujeito, que elege, por conta de sua economia psíquica e sua história de investimentos em si mesmo e nos objetos, servir à droga como objeto. “Dessa forma, considerar as duas nuances de modalidades de investimento do Eu bem como problematizá-las como recursos de enfrentamento da dor psíquica permitem, ainda, aprofundar o tema do importante prejuízo ao Eu toda vez que o aprisionamento na condição de servidão psíquica se exemplifica via drogadição” (MACEDO; DOCKHORN, 2016, p. 160), concluem as autoras.

Simone Perelson e Isabel Fortes são as autoras de “Sobre as práticas de

dons de óvulos no Brasil e na França: dom, mercado e ciência”. A aliança que sustenta as novas formas de reprodução humana e a sociedade se dá por três vias: a lógica tecnocientífica, a lógica mercadológica e a lógica inconsciente. Para as autoras, faz-se necessário o esforço de abordar e analisar, de forma multidisciplinar, de que maneira essas três lógicas articulam-se entre si, em especial no “dom” de óvulos. Trata-se, segundo as autoras, “da ideia segundo a qual é possível vislumbrarmos nas práticas contemporâneas de circulação de material de engendramento novas modalidades de constituição tanto de laços eróticos inconscientes quanto de laços sociais e de parentesco” (PERELSON; FORTES, 2016, p. 163). Partindo de contribuições da psicanalista Geneviève Delaisi, as autoras fazem contrapontos pertinentes sobre o tema, alicerçando ideias de forma crítica sobre a prática na França e no Brasil. Abordam algumas construções sobre a figura do doador de sêmen articuladas às três dimensões – real, simbólica e imaginária – do pai, com o objetivo de complexificar o que esta figura coloca em cena e os possíveis novos lugares que o pai pode ocupar na atualidade.

Na Parte III – **Aspectos clínicos**, quem inicia é Christian Hoffmann, com o capítulo “Questões preliminares acerca do narcisismo e das sexualidades contemporâneas”. Partindo da interrogação de Lacan sobre para onde foram as histéricas, evidenciando sua importância para a Psicanálise, pois foi por escutá-las que Freud pôde compreender a existência do inconsciente, o autor aborda a questão da sexuação na histeria. Deste conceito, articulado à teoria do gozo de Lacan, Hoffmann trata sobre as práticas do corpo que supõe que o sujeito se vale de sua sexuação, exercidas especialmente pelos adolescentes na contemporaneidade, como poliamorosos, assexuados, bi e transgêneros. O objetivo do autor é analisar a forma como se constroem as subjetividades contemporâneas. Para tanto, alude à Carta ao Pai de Kafka, relacionando ao Nome-do-Pai e à Teoria do Desejo de Lacan bem como a exemplos clínicos. Conclui que, para a Psicanálise, só há gozo se articulado à falta, à castração.

É frente as certezas das quais muitas vezes é difícil abrir mão que o autor do décimo segundo capítulo baseia seu trabalho. Gustavo Henrique Dionisio, em “Jovens transferências, ou do narcisismo (primário) das enormes diferenças” apresenta-nos o trabalho realizado no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada da Unesp de Assis, “Escuta sensível e clínica psicanalítica”, em que estudantes universitários atendem ex-estudantes ou estudantes de outras universidades, principalmente de outros cursos de Psicologia. Após apresentar uma breve descrição de uma amostra de atendidos e suas principais demandas, Dionisio indaga sobre a proximidade entre atendidos e atendentes no que se refere a ambos serem “estudantes ainda em vias de se formar”, ainda que o sofrimento seja diferente. O não tão incomum desejo de os atendentes de se tornarem amigos dos atendidos, ainda que não posto em prática, indica a alta vulnerabilidade às identificações e à porção de narcisismo “não subjetivada” de quem atende. O autor problematiza acerca das “transferências jovens”, aludindo ao fato de serem recentes e não pela juventude dos indivíduos. Recorrendo a noções de Serge Leclair e de Conrad Stein, Dionisio encerra sua escrita, tão útil para aqueles que exercem a supervisão de aprendizes na clínica, como

dos próprios psicanalistas, de forma a refletir sobre a sensibilidade da escuta.

Julio Sergio Verztman é o autor de “Édipo, Narciso e sintoma compulsivo em Freud”. Brindando o leitor com muitas perguntas, o autor propõe que a intensa difusão da compulsão na cultura e na clínica coloca-nos frente a problemas novos, desenvolvendo uma relação do sintoma compulsivo na atualidade com as fragilidades relacionadas à constituição narcísica. Refletindo a partir de uma pesquisa clínica que está em curso no Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade, da UFRJ, Verztman refere que as compulsões podem ser pensadas como próteses das quais se lança mão para estabilizar o Eu. Para tanto, reexamina o conceito de compulsão em Freud, fazendo uma construção com ideias de Pierre-Henri Castel. Uma de suas conclusões é de que, para pensar sobre a compulsão, faz-se necessário considerar “o processo de constituição narcísica, o modo como o Eu se relaciona com as exigências do universo intrapsíquico, bem como as vicissitudes da alteridade” (VERZTMAN, 2016, p. 212). O autor finaliza com a promessa de tentar trazer, em breve, a partir das pesquisas do NEPECC, novas hipóteses acerca das relações entre os sintomas e o Eu, para pensar a análise de sujeitos compulsivos, sujeitos com sofrimento psíquico, e que, como todo paciente, instiga sobre o fazer clínico.

“Os narcisismos e a sexualidade da experiência narcísica de ser à experiência de investir libidinalmente o Eu e os Objetos” é o trabalho de Leopoldo Fulgencio. Associando o narcisismo primário e seus determinantes pulsionais, Fulgencio parte para a maneira como Winnicott desenvolve este conceito, passando pela crítica e à forma como se dá, para ele, o processo de desenvolvimento emocional em que surge a experiência de si mesmo no centro das atenções e dos investimentos afetivos. Como refere o autor, as experiências de sustentação inicial do bebê não têm nas pressões instituais seu fundamento, pois, segundo Winnicott, primeiro vem o Ser e depois o Fazer instintual. É no amálgama mãe-bebê, sustentado pelo ambiente, que o bebê vive a experiência da continuidade de Ser. A partir da situação originária inicial até o momento de apreender-se como uma “pessoa inteira”, o indivíduo passa por diferentes acontecimentos e processos integrativos. Tais processos são descritos por Fulgencio, para então poder pensar nas diferentes organizações psíquicas dos sujeitos demandantes de análise, partindo dos três tipos de pacientes, pensados no tipo de integração pessoal: os que funcionam como pessoas inteiras, os recém-integrados e os que são não integrados.

Por fim, João Paulo F. Barretta finaliza o livro com o capítulo de número 15, “Narcisismo e dependência: algumas reflexões sobre as contribuições de Lacan e Winnicott em Psicanálise”. Instigante, traz de forma polêmica e necessária a discussão tangenciada na idealização de autor(es) de referência e no ecletismo superficial que podem incorrer os psicanalistas. Tais atitudes denotariam uma convicção infantil e narcísica de posse da verdade. Chamando a atenção para este problema, o autor sugere uma hipótese de trabalho que contribui para um diálogo maior dentro da Psicanálise ao mostrar através das contribuições de Lacan e Winnicott acerca do narcisismo, os aspectos em que se

distinguem e os que se complementam. Barretta aponta, por exemplo, que Lacan parece ter desenvolvido conclusões a partir da relação anaclítica proposta por Freud; já Winnicott teria tirado muitas de suas contribuições da relação narcísica proposta pelo fundador da Psicanálise. Tal diferença não os faz excludentes para pensar psicanaliticamente, assim como a pouca descrição lacaniana de uma etapa inicial, anterior ao estágio do espelho, que incluiria a criança de 6 a 18 meses, diferentemente de Winnicott, que trabalhou sobremaneira no desenvolvimento emocional primitivo. A mensagem transmitida por Barretta, afora os importantes aportes teóricos oferecidos no texto, refere-se ao frutífero trabalho de fazer interconexões entre as contribuições dos autores, de forma ética e integradora, fazendo desenvolver a Psicanálise.

Concluo, assim, esta resenha, afirmando o prazer da leitura e o enriquecimento teórico produzido através desta. A realidade com que nos defrontamos na contemporaneidade, a diversidade dos modos de pensar Psicanálise, a complementariedade e diferenças teóricas, engendradas na ética do fazer psicanalítico, foram os fios condutores desta estimulante leitura, que trará para seu leitor uma ótima companhia para quem busca seguir pensando e produzindo Psicanálise.

*Clarice Moreira da Silva
Psicóloga, Psicanalista, Mestre em Psicologia Clínica
(PUCRS), Membro Efetivo da Sigmund Freud Associação
Psicanalítica (SIG), integrante da equipe do EPE (Espaço
Psicanalítico para Estudantes) e do Estágio da SIG.
Email: claricems@gmail.com*

